

GIL VICENTE: PARA SEMPRE LEMBRADO

Fabiana de Paula Lessa Oliveira (UERJ)
fabiana-lessa@ig.com.br

Almeida Garrett engajou-se como liberal participando dos acontecimentos políticos de seu país. Após a Revolução de Setembro de 1836, Passos Manuel convida-o para Inspetor Geral de Teatros, com objetivo de fazer ressurgir o teatro nacional um pouco esquecido, tendo em vista que nos palcos portugueses grande parte das peças era traduzida. Vai à direção do Conservatório de Arte Dramática; institui concursos para promover a dramaturgia nacional; idealiza a construção de um Teatro Nacional (futuro Teatro Nacional D. Maria II, inaugurado em 1846). Além disso, começa a escrever peças para construir um repertório nacional, integrado ao movimento romântico; entre elas: *Um Auto de Gil Vicente* (1838), *Filipa de Vilhena* (1840) – escrita para ser representada pelos alunos do Conservatório Dramático –, *O alfageme de Santarém* (1841) e *Frei Luís de Sousa* (1843). A proposta deste trabalho é apresentar a importância de *Um auto de Gil Vicente* para a “restauração” do teatro em Portugal. Nessa peça, Garrett aponta as causas possíveis para a decadência do teatro português e expõe o que pretende fazer para educar o gosto do público e reorganizar a arte dramática. Escolhe retomar Gil Vicente para iniciar essa tarefa. Logo, em *Um auto de Gil Vicente*, traz à cena a corte de D. Manuel I e dois importantes nomes da literatura que nela evoluíram: Bernadim Ribeiro e Gil Vicente. Garrett inova abordando o teatro dentro do teatro, tendo como base os ensaios para a peça *As cortes de Júpiter*, de Gil Vicente, para celebrar a partida da Infanta D. Beatriz, dada em casamento ao Duque de Saboia e, aproveitando-se desse dado histórico, explora a lenda do amor impossível entre D. Beatriz e Bernadim Ribeiro.